
CÁTEDRA
OLAVO
SETUBAL
DE ARTE,
CULTURA
E CIÊNCIA

Parceria do Instituto de Estudos
Avançados da Universidade de São
Paulo (IEA-USP) com o Itaú Cultural

#2
**ARTE, CULTURA E
INSTITUCIONALIDADE**

COORDENAÇÃO
**RICARDO
OHTAKE**

ORGANIZAÇÃO
**MARTIN GROSSMANN E
ANA PAULA SOUSA**

PALESTRA 1

SÉRGIO MILLIET

(1898-1966)

Lisbeth Rebollo Gonçalves →

1º DE DEZEMBRO DE 2017

INSTITUTO DE ESTUDOS
AVANÇADOS (IEA-USP)

Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Lisbeth Rebollo Gonçalves possui mestrado e doutorado em Sociologia da Arte (FFLCLH/USP). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Integração da América Latina e no Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte. É presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA Internacional); colaboradora da Revista ArtNexus; e coordenadora da Coleção Crítica de Arte da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Foi, por duas vezes, diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte e presidente do Prolam USP. Tem diversos ensaios e livros publicados, entre os quais Sérgio Milliet, crítico de arte (Perspectiva/Edusp/Fapesp, 1992) e Sérgio Milliet – 100 anos (ABCA/Imesp, 2005, do qual foi organizadora).

PARA DAR INÍCIO a esta conversa que objetiva lembrar quem foi Sérgio Milliet no cenário da cultura brasileira, acho que é importante trazer algumas informações de sua biografia. Estamos falando de um intelectual que nasceu em 1898, ou seja, no final do século XIX, e que, depois de ter perdido os pais, ainda adolescente, é mandado pelos tios para a Suíça, a fim de estudar. Ele vai frequentar a Escola do Comércio de Genebra, orientando-se para as ciências econômicas e sociais, campo que, mais tarde, aprofundará na Universidade de Berna.

Trata-se, portanto, de um jovem que está na Europa durante a Primeira Guerra Mundial e que, apesar da neutralidade da Suíça no conflito, vive de perto a tensão gerada pelos horrores do momento. Cabe lembrar ainda que a Suíça era, à altura, um país para onde migravam grandes intelectuais e políticos, o que significa que se tratava de um espaço efervescente. Não por acaso, foi lá que surgiu o dadaísmo. Milliet conviveu, portanto, com esse rico ambiente artístico, literário, político e universitário.

Sua volta ao Brasil se dá no ano de 1922. Ele chegou a tempo de participar da Semana de Arte Moderna como poeta. Mas como era muito tímido, quem leu seu poema foi o amigo Henri Mugnier, que o acompanhava nessa viagem.

Sérgio Milliet foi um “intelectual em ação”. Essa expressão, criada pelo professor Antonio Candido em uma palestra sobre Milliet, em 1978, é bastante feliz e significativa.

Antonio Candido foi o primeiro teórico da literatura a reconhecer a importância de Sérgio Milliet na cena crítica brasileira e na cena das ações culturais. Não dá para pensar Sérgio Milliet só como o crítico que escrevia no jornal *O Estado de S. Paulo* sobre literatura ou artes visuais. Temos que pensá-lo a partir de uma visão totalizante.

Seu trabalho foi relevante no campo da gestão cultural, entre 1922 e 1950. E teve muita importância na relação com os modernistas – inclusive, porque Milliet era um ótimo articulador. Ele trazia a contribuição dos estrangeiros para cá e levava informações sobre a nossa Semana de Arte Moderna e sobre o nosso projeto modernista para a Europa. A primeira crítica sobre a Semana de 22 foi assinada por ele e publicada na revista belga *Lumière*. Ele era, portanto, como disse Antonio Candido, “um intelectual em ação”. E é a partir desta óptica que eu vou falar sobre ele.

Para Milliet, o papel do intelectual tinha de ser eminentemente ético. A ética era, para ele, uma premissa básica do trabalho de alguém que se propusesse a pensar e fomentar a cultura. Sua ideia de “ética” estava ligada a um espírito moderno, compatível com o seu tempo. A dimensão ética, tão presente em seu trabalho, relaciona-se também com uma dimensão “educativa”, mas que talvez fosse melhor dizer “formativa”. Ele sempre foi muito preocupado em difundir informação e em construir a formação das pessoas. Deve essa visão à sua formação na Suíça, o país do protestantismo, que tem a ética impregnada na educação. A postura ética marca sua trajetória.

A ação de Milliet, como intelectual, estará especialmente ligada aos espaços institucionais, sobretudo na década de 1930. Ele integrou, com Mário de Andrade, Paulo Duarte, Couto de Barros, Rubem Borba de Moraes, Tácito de Almeida e outros, o grupo que criou, em 1935, o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo.

Tratava-se, nas palavras de Paulo Duarte, de “um projeto de estudos das coisas brasileiras e de sonhos brasileiros”, além de ser uma ação que trazia para a vida prática o projeto modernista.

Pela primeira vez, um projeto nascido nas artes tinha o objetivo de interferir na vida da cidade. O Departamento surgia, igualmente, como uma reação à derrota na Revolução de 1932, quando a classe média paulista buscava a liberdade e a democracia, insurgia-se contra a centralização do poder em curso na vida política.

A classe média era adepta do liberalismo – não vamos entender a ideia de liberalismo com os olhos de hoje, mas pensando nos anos 1930, quando Getúlio Vargas se firmava no poder.

No Departamento de Cultura, Sérgio Milliet dirigiu a Divisão de Documentação Histórica e Social, responsável, por exemplo, pelo apoio às expedições de pesquisa do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss e por pesquisas que procuravam, com a participação de professores da Escola de Sociologia e Política e de alunos da Faculdade de Direito, traçar o perfil socioeconômico da população.

Nessa época, Milliet produziu ensaios de cunho sociológico, entre eles *Roteiro do café* (Milliet, 1982), que se tornou uma referência para os estudiosos do campo da história econômica. O livro surgiu em 1935 e, dado o sucesso, teve duas reedições, em 1939 e em 1941.

Ao mesmo tempo em que fincava suas raízes na cultura brasileira, Milliet mantinha um pé no exterior. Ele esteve, em 1937, na Exposição Universal, realizada em Paris, onde foi exibida *Guernica*, criada por Pablo Picasso para essa ocasião. Nesse evento, Milliet participou de um congresso cujo tema foi “Populações”. Apresentou um trabalho sobre as pesquisas que estavam sendo realizadas no Departamento de Cultura e recebeu uma Menção Honrosa.

No mesmo período, ele revolucionou a *Revista do Arquivo*. A revista já existia, mas não tinha uma presença significativa no campo do pensamento. Transformou-a numa publicação mais aberta, voltada à informação sobre cultura. Essa, talvez, tenha sido uma das primeiras revistas ligadas ao espaço público, onde se falou de pintura moderna.

Milliet levou para a *Revista do Arquivo* a contribuição de professores franceses que estavam ligados à criação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Jean Maugüé

(1938), por exemplo, escreveu sobre “Pintura moderna” e Roger Bastide (1938) ali publicou um artigo intitulado “Pintura e mística”. No Departamento de Cultura, Milliet discutiu muito, com Mário de Andrade, a ideia de um museu de arte moderna para São Paulo. Mas, em 1938, terminou o mandato de Fábio Prado, na prefeitura, e teve início a gestão de Prestes Maia, na qual não havia nem tanta abertura, nem as condições ideais para se pensar em um museu de arte moderna em espaço público.

Em 1942, Sérgio Milliet foi transferido para a Biblioteca Municipal, hoje Biblioteca Mário de Andrade, que já estava, então, instalada na Rua da Consolação. Apesar das restrições de verbas e das condições difíceis, ali desenvolveu um projeto dinâmico, com várias facetas, uma delas muito próxima da ideia do museu por ele imaginado.

Milliet organizou uma Seção de Livros Raros, reorganizou a Seção Circulante de Livros, criou a Seção de Arte, promoveu ciclos de conferências no auditório da instituição, estabeleceu um intercâmbio com a Biblioteca de Paris e passou a publicar um *Boletim Bibliográfico* que depois se transformaria na *Revista da Biblioteca Municipal*.

Aqui, nesta conversa, gostaria de pôr em destaque a Seção de Arte, inaugurada no dia 25 de janeiro de 1945, com a intenção de reunir livros especializados e disponibilizá-los para estudiosos e artistas. Nessa época, o livro mais atual no campo das artes, disponível na Biblioteca, era sobre o Renascimento. Não havia catálogos, não havia revistas especializadas, não havia livros de História, não havia nada que pudesse ajudar a formação e a informação atualizada dos artistas. Mas ele fez mais: criou um acervo de ilustrações dos movimentos de vanguarda e outro de obras originais dos artistas modernos brasileiros. Surgia, assim, dentro da Biblioteca, a primeira coleção pública de arte moderna brasileira.

Com a colaboração de Maria Eugênia Franco, que era, igualmente, crítica de arte, Milliet passou a organizar exposições didáticas sobre os movimentos artísticos modernos, apresentando informações sobre as mudanças estéticas em curso. Ele valorizava, portan-

to, o campo da arte moderna, no momento em que eram os artistas acadêmicos que dominavam os Salões de Arte e recebiam apoio governamental, com bolsas e prêmios. Em outras palavras: Milliet apoiava os artistas modernos e os jovens que buscavam formação fora dos espaços acadêmicos, no momento em que o debate era polarizado entre arte acadêmica e arte moderna.¹

A Biblioteca Municipal tornou-se, nas mãos de Milliet, o primeiro centro cultural público do Brasil. E pode-se dizer que a Seção de Arte ofereceu, de forma pioneira, um panorama sistemático e atualizado da história da arte universal e do pensamento crítico. É por isso que eu disse que essa Seção está diretamente ligada à ideia que ele tinha de um museu de arte moderna para a cidade de São Paulo.

Antes de falar do envolvimento do Sérgio Milliet no trabalho para a criação do Museu de Arte Moderna, vou seguir a linha do tempo e observá-lo à frente de duas associações: a Associação Brasileira de Escritores e a Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Em 1942, por iniciativa de escritores contrários ao Estado Novo, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Escritores. Entre os fundadores, estavam Sérgio Buarque de Holanda, Astrogildo Pereira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo e Sérgio Milliet.

Em 1944, durante o curso da Segunda Guerra Mundial, a Associação Brasileira de Escritores

resolveu organizar um congresso. O evento acabou acontecendo no Teatro Municipal de São Paulo, em janeiro de 1945. Milliet, como presidente do Congresso, fez, no discurso de abertura, uma manifestação contra o governo Getúlio Vargas, contribuindo sua repercussão para o aprofundamento da crise do regime. Em sua fala, ele discorreu sobre a importância de o intelectual tomar posição, em momentos difíceis da vida política. Essa dimensão de ativismo era muito forte e evidente entre os nossos intelectuais naquela época.

Já a Associação Brasileira de Críticos de Arte foi presidida por Milliet de 1949 a 1959. Em 1948, ele representou o Brasil numa reunião da Unesco, quando se apresentou o projeto de criação de uma Associação Internacional de Críticos de Arte. A ideia era que associações como essa colaborassem com a Unesco no sentido de promover, numa Europa abalada pela guerra, a aproximação entre os povos e a aceitação das diferenças culturais. O projeto previa a criação de Seções Nacionais. Foi dado, assim, o impulso para a criação da Associação Brasileira de Críticos de Arte, já apresentada, formalmente, na segunda reunião da Unesco, em 1949.

Mas voltemos à questão do Museu de Arte Moderna e ao papel desempenhado por Milliet no projeto do MAM-SP. É importante frisar aqui que ele, nesse momento, já discutia pioneiramente a modernidade como um processo social. Sua visão era metodologicamente pioneira, porque ele não se apoiava só na história da arte, mas também na etnologia, na antropologia e na sociologia. A modernização social devia trazer um espaço apropriado à arte do presente. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se fecharam as portas do Departamento de Cultura para a ideia de um museu, buscava-se uma oportunidade, com o apoio do mecenato empresarial.

Milliet tinha, à altura, um convívio estreito com diplomatas norte-americanos ligados à Escola de Sociologia e Política – em especial, com o adido cultural Carleton Sprague Smith, músico, com estudos realizados na área de literatura, que era, como Sérgio, professor dessa Escola. Smith era próximo de Nelson Rockefeller

¹ Suas reflexões sobre a questão da arte moderna em relação à arte acadêmica estão nos livros *Ensaio* (Milliet, 1938); *Pintores e pintura* (Milliet, 1940); *Marginalidade da cultura moderna* (Milliet, 1942); *Quatro ensaios* (Milliet, 1966); e nos quatro primeiros volumes dos diários críticos que ele começa a publicar a partir de 1944.

e promoveu o contato entre Milliet e o magnata americano. Eles passaram a trocar correspondência a respeito da criação de um museu de arte moderna no Brasil. Claro que Milliet, nesse momento, não estava agindo sozinho, mas junto e apoiado por um grupo de intelectuais, jornalistas, artistas e arquitetos.

Em 1942, Sérgio viajou aos Estados Unidos. Nesse mesmo ano, David Steven, diretor da Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller, veio à Escola de Sociologia e Política. Rockefeller já havia então proposto a doação de um núcleo de obras – que hoje está no Museu de Arte Contemporânea da USP – para incentivar esse movimento latente que ele via estar acontecendo no Brasil. Entre essas obras estavam trabalhos de Marc Chagall, Fernand Léger, Max Ernst e Alexander Calder, além de um conjunto de jovens artistas americanos. Nesse momento, os Estados Unidos estavam firmando sua posição no cenário internacional e, dentro da política de aproximação com a América Latina, o Brasil era um espaço importante e o campo artístico, interessante para marcar presença.

As obras doadas foram apresentadas em exposição, pela primeira vez, na Seção de Arte da Biblioteca, em 1946. A partir desse momento, várias reuniões foram acontecendo para a criação do museu. Tanto Assis Chateaubriand como Francisco Matarazzo Sobrinho ficaram sensibilizados pelo projeto, mas Matarazzo foi quem acabou recebendo o aval norte-americano, levando adiante a ideia.

Quando o museu foi finalmente criado, em 1948, cogitou-se entregar sua direção a Sérgio Milliet, mas ele não poderia acumular essa função com o cargo público que ocupava no município. Buscou-se então um diretor de fora do Brasil: o crítico belga Leon Dégand. Milliet será, no entanto, uma presença muito forte no MAM. Ele fez, por exemplo, como Dégand, um texto de abertura no catálogo da primeira exposição que se intitulou *Do figurativismo ao abstracionismo*, abrindo o catálogo ao lado do diretor belga. Também coube a ele organizar a primeira retrospectiva da Tarsila do Amaral nesse museu.

Em 1951, quando foi criada a Bienal de São Paulo – pensada para ser um evento internacional do MAM –, novamente se pensou em Milliet para dirigi-la. E, uma vez mais, por causa de seu emprego na prefeitura, ele foi impedido. Na II Bienal, no entanto, conseguiu uma licença para afastar-se temporariamente da Biblioteca e assumiu a direção artística do evento. Na III Bienal e na IV Bienal, ele assumiria a mesma função.

Em todas as funções que exerceu, encontra-se a sua preocupação com a formação e a informação do público, consciente de que o país, até a década de 1920, não tinha tido nenhum contato com a arte de vanguarda. O Brasil não possuía acervo de arte do século XX, acessível ao público. Na visão de Milliet, era fundamental que se tivesse contato vivo com as obras que marcaram a história da arte moderna.

Justamente por isso, a Bienal se propôs a trazer exposições históricas, em grandes salas especiais, ao lado de mostras de arte da contemporaneidade. Esse modelo, que vigorou até o final do século XX, foi criado por Milliet. Foi ele, inclusive, quem reconheceu a importância de fazer, para a I Bienal, um grande painel com o cronograma da evolução da arte moderna, no contexto da história da arte.

Seu projeto foi sendo posto em prática nas Bienais. Na II Bienal (1953), conseguiu-se trazer *Guernica*, de Picasso. Foi uma das poucas vezes em que essa obra viajou. Mas, além de Picasso, foi trazida uma exposição sobre o cubismo que incluía obras de Georges Braque, Juan Gris, Fernand Léger e Marcel Duchamp; outra sobre o expressionismo, com obras de Oskar Kokoschka e Edvard Munch; igualmente, houve mostra de Piet Mondrian e do Movimento De Stijl; e sobre o movimento futurista.

O envio dessas mostras para a Bienal do IV Centenário havia sido articulado, em 1952, durante a Bienal de Veneza. Milliet aproveitou o encontro com representantes dos vários países, que estavam levando suas representações ao certame italiano, para tentar colocar em prática sua ideia de trazer, para o evento brasileiro, o

mais significativo da produção de cada país. Como disse antes, ele tinha grande trânsito internacional, o que facilitou muito o processo da vinda dessas exposições históricas. Significativa ajuda adveio do trabalho de Dona Yolanda Penteado junto à diplomacia internacional.

Gostaria de encaminhar a palestra para o seu final, lembrando que, em 1959, Milliet resolveu se aposentar. Ele aposentou-se, deixou seu trabalho na Biblioteca, deixou a direção da Bienal e, apesar de continuar assessorando a área de artes plásticas, tanto o MAM quanto a Bienal, e de manter uma forte relação com a Unesco, sua presença na animação cultural foi, a partir desse momento, menos evidenciada.

Ele continuava ainda escrevendo sobre literatura e arte no jornal o *Estado de S. Paulo*, mas seu tom também tinha mudado: ao invés de partir direto para o comentário sobre um artista ou uma exposição, ele trazia à tona questões mais amplas e adotava um discurso em formato de memória. Os artigos escritos de 1959 em diante, até sua morte, em 1966, estão nos livros: *De ontem de hoje, e de sempre* (Milliet, 1960-1962), e *De cães, de gato e de gente* (Milliet, 1964).

Antes de encerrar, gostaria apenas de pontuar alguns aspectos mais pessoais de sua personalidade. Milliet costumava frequentar tanto Campos do Jordão quanto a Praia Grande, onde tinha, com a família e alguns amigos, uma casa. Vez por outra, ele se retirava para a casa da praia, a fim de escrever. Antes da aposentadoria, o lugar onde ele costumava escrever era no seu escritório da Biblioteca, onde vivia rodeado de livros. Ele não tinha nenhum livro em sua casa. Havia doado tudo à Biblioteca Municipal.

Milliet era boêmio. Ele gostava de noites de conversa. O exercício da crítica era, para ele, mais uma conversa inteligente, do que um discurso fechado na teoria. Em *Marginalidade da pintura moderna*, ele escreveu:

A arte como expressão cultural só alcança seu objetivo social de comunicação quando exprime o modo de viver e sentir da maioria [...]. O bom crítico é o homem que entende, situa, explica e integra o leitor ao mundo de sua matéria, de sua disciplina. (Milliet, 1942)

Ou seja, não é papel do crítico julgar, mas sim levar o leitor para o campo que está sob análise. Milliet era um homem que desconfiava das doutrinas fechadas e que acreditava na relatividade das coisas.

Uma coisa que eu não cheguei a dizer é que ele desenhava e pintava. Mas não se apresentava como pintor. Ao contrário, dizia que se manifestava pintando e desenhando, sobretudo, para entender as dificuldades dos artistas. Em *Considerações inatuais*, como crítico de arte, ele disse:

Como não sou nem abstracionista nem figurativista e vejo em ambas as tendências soluções admiráveis e realizações medíocres, prefiro conservar a liberdade de opinar, comentar ou divagar segundo as qualidades e sugestões do que for exibido nas galerias de arte e nos museus de São Paulo e alhures. (Milliet, 1957)

Repete-se aqui o seu desejo de ter uma posição de distância em relação aos fatos que observava.

Minhas palavras finais são de agradecimento por esta oportunidade de estar aqui no IEA na companhia do Ricardo Ohtake, de Martin Grossmann e de Nelson Brissac Peixoto e vivenciar um momento tão importante de troca de ideias. Na Universidade, trabalha-se, com muita frequência, de forma solitária. Faltam oportunidades de convívio, de conversas que, como dizia Sérgio Milliet, são fundamentais para que sejam construídos novos caminhos, encontradas novas perspectivas, proporcionando a dinâmica de novas ideias.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, R. Pintura e mística. *Revista do Arquivo Municipal*, n.50, p.47-50, 1938.
- MAUGÜÉ, J. A pintura moderna. *Revista do Arquivo Municipal*, n.50, p.41-6, 1938.
- MILLIET, S. *Ensaio*. São Paulo: Brusco, 1938.
- . *Pintores e pintura*. São Paulo: Martins, 1940.
- . *Marginalidade da cultura moderna*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1942.
- . Considerações inatuais. *Cadernos de Cultura do MEC*, 1957.
- . *De ontem, de hoje e de sempre*: recordações com devaneios. São Paulo: Martins Editora, 1960-1962. v.1 e 2.
- . *De cães, de gato e de gente*. São Paulo: Martins Editora, 1964.
- . *Quatro ensaios*. São Paulo: Martins, 1966.
- . *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: Hucitec; INL, 1982.

TÍTULO

Arte, cultura e institucionalidade

COORDENAÇÃO

Ricardo Ohtake

ORGANIZAÇÃO

Martin Grossmann e Ana Paula Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Liliana Sousa e Silva

EDIÇÃO DOS TEXTOS

Ana Paula Sousa

APOIO INSTITUCIONAL

Fernanda Cunha Rezende

Rafael Borsanelli

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Gilberto Mariotti e Julia Masagão

PRODUÇÃO GRÁFICA

Aline Valli

LICENCIAMENTO DE IMAGENS / PESQUISA ICONOGRÁFICA

Gabriella Gonçalves

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Texto et al. Rev. Edit. & Arte

DIAGRAMAÇÃO

Alles Blau

REVISÃO DE PROVAS

Texto et al. Rev. Edit. & Arte

NÚMERO DE PÁGINAS

440

CÁTEDRA OLAVO SETUBAL DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA

Rua da Praça do Relógio, 109 - Térreo

Cidade Universitária, São Paulo – SP, CEP 05508-050.

E-mail: catedraarteculturausp@usp.br

Telefone (11) 3091-4201

<http://www.iea.usp.br/catedra-olavo-setubal>

Copyright © 2020 by Instituto de Estudos Avançados da
Universidade de São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arte, cultura e institucionalidade / organização Martin Grossmann,
Ana Paula Sousa; coordenação Ricardo Ohtake. – 1. ed. – São Paulo:
Instituto de Estudos Avançados: Itaú Cultural, 2020. –
(Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência; 2)

ISBN 978-65-87773-01-8

DOI: 10.11606/9786587773018

1. Artes 2. Artes - Exposições I. Grossmann, Martin.
II. Sousa, Ana Paula. III. Ohtake, Ricardo. IV. Série.

20-52918

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citadas
a fonte e autoria. Proibido qualquer uso para fins comerciais*

ISBN 978-65-87773-01-8



ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA
A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA OBRA,
DESDE QUE CITADA A FONTE E A AUTORIA
E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE
COMMONS INDICADA

REALIZAÇÃO

PARCERIA

APOIO

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência



USP

OBSERVATÓRIO
DE CULTURA

ItaúCultural

